

Belo Horizonte, 28 de maio de 2014

Amigos, tudo bem? Escrevi um texto na matéria "delineamento em pesquisa clínica", a respeito da construção de nossas evidências científicas; o professor mandou algumas referências, umas mais filosóficas, outras técnicas, juntei com o Rosa e algumas ideias minhas e escrevi esse texto. Foi muito elogiado, os dois últimos parágrafos lidos em voz alta, fiquei feliz; só que aí (os parágrafos citados) o mérito não é meu e sim do maior escritor (Rosa), referido no texto.

Abraço apertado em vocês,

Christiano.

CLM 876 A – Desenhos de estudo em pesquisa clínica

Professores: Marcos Sousa e Marise Fonseca.

“Como a opinião e a evidência se unem para construir os paradigmas científicos”

Desde o início dos tempos, o ser humano busca compreender a realidade e intervir no meio ambiente de modo a prolongar a vida, viver com mais conforto e menos sobressaltos, motivado por uma necessidade de poder sobre a natureza e as outras sociedades, que utilizou como ferramenta para atingir seus objetivos.

De um início predominantemente místico e sobrenatural, de explicações simplistas e dogmáticas, que, diante da complexidade do mundo, foram caindo e sendo substituídas por novas leituras da realidade, embora ainda perdurando, em menor grau, até hoje; passou-se à observação direta dos fenômenos naturais a partir de uma

construção lenta e gradual de conhecimento científico aparentemente disperso de várias áreas que, posteriormente, foi se associando, possibilitando, assim, inferir processos naturais com sua fisiopatologia e história natural, mensurando algumas características da realidade e a probabilidade de determinados eventos. A partir dessa realidade epidemiológica e fisiopatológica, partindo-se sempre da observação, foi-se construindo o paradigma científico, peça a peça, passo a passo, abandonando antigos modelos, com novas idéias ora se desmanchando no ar, ora sendo utilizadas, confirmando-se como aceitas e úteis num arcabouço teórico em que novas compreensões iam substituindo as antigas e cada vez mais refletindo melhor a realidade que era possível compreender naquele momento.

Cada novo modelo trazia uma informação adicional e, para mensurar a variabilidade inerente a natureza, quantificar os dados contabilizados, estimar diante de margem de erro pré-estabelecida e da notória regra das probabilidades, foi-se desenvolvendo a estatística, ferramenta fundamental para a construção do saber científico, capaz idealmente de trazer evidências sólidas para dados observados com o intuito de transformá-los em fidedignos, em “verdade científica”. Para isso formulou-se técnicas para cálculo amostral, medidas de efeito e significância, etc. conceitos que norteiam até hoje nossos modelos científicos.

Com a estatística aumentou-se a ilusão de uma verdade pronta, a ser mensurada e descrita pelos homens, bastando apenas a realização de estudos bem conduzidos, com aplicação da técnica estatística correta e a realidade seria paulatinamente descoberta. A grande questão, entretanto, é que esses estudos têm que partir de uma idéia e essa idéia é refém de todas as vicissitudes do ser humano, ou seja, seu grau de integridade e honestidade, suas crenças e convicções, além das falhas inerentes à construção de estudos e modelos de análise, com os possíveis erros decorrentes do processo estatístico ou falsas apreensões simplesmente decorrentes da complexidade da matéria de seu estudo: O homem e seus processos, a realidade.

Assim, um estudo relevante foi sendo substituído por outro, uma nova compreensão da realidade era formulada a cada nova descoberta.

Além da preocupação com a qualidade da nova informação produzida, em que se deve tentar observar ao máximo o rigor científico e sua capacidade de transposição para cada realidade particular, torna-se fundamental procurar a reprodutibilidade daqueles achados em outras amostras; assim como se sua aplicação na realidade é condizente com o que foi observado no ambiente controlado dos estudos e sua verdadeira relevância clínica. Daí a necessidade de confirmar achados, daí a necessidade de se averiguar as novas “verdades no mundo real”.

Diante do exagero e da multiplicidade de aspectos da realidade, talvez a ciência seja um processo contínuo, em que aprofundaremos em um conhecimento para apenas descortinar novas perguntas. Como diz o anti-herói Riobaldo, no magistral “Grande sertão, veredas” (JGR, 1956): “- Serras que se vão saindo para se destapar em outras serras. Tem de todas as coisas. Vivendo se aprende, mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras, maiores perguntas”.

Cada resposta a cada nova pergunta pode trazer uma mudança prática na realidade, minorando a dor e o sofrimento, aumentando a sobrevivência ou, não menos importante, diminuindo a ignorância. Essa construção precisa ser ancorada em dados objetivos, em técnicas de mensuração validadas e readaptadas continuamente para melhor responder às indagações. Assim, os modelos estatísticos evoluem e a exigência científica tende a aumentar. É possível mentir usando-se a estatística? É possível encontrar evidências equivocadas com nossos modelos tão repletos de significância? Claro que sim, mas cada vez que a mesma resposta vai sendo encontrada com mais frequência a cada novo (e, muitas vezes, melhor) estudo, cada vez que a prática for sendo coerente com aquelas informações, mais real será aquele dado, mais ele terá um papel em nossos paradigmas, substituindo modelos antigos e evidências baseadas apenas em raciocínio fisiopatológico ou opinião de “experts”, que logo se readaptarão diante do que foi descortinado e um novo “fechamento” ocorrerá.

À guisa de arremate final deixo com um ex-jagunço a última frase: “No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato, dá erro contra a gente. (...) Não convém a gente levantar escândalo de começo: só aos poucos é que o escuro é claro”.

Christiano Gonçalves de Araújo.

Belo Horizonte, 25 de maio de 2014.

Rio de Janeiro, 31 de maio de 2014

Caro Doutor,

Aquele médico francês, colega seu e de João, Jaques chamado, inventou uma palavra em 1969: aletosfera. Com inspiração rosiana, inovou o idioma. Fabricou, artesanalmente, a palavra, no momento em que o homem tentava - e conseguia! - alcançar a Lua. Pegou a estratosfera, de que tanto se falava, e juntou com a *aletheia* heideggeriana, também muito em voga na época, nos círculos intelectuais, à moda existencialista. *Aletheia* era a última palavra em termos de verdade. A verdade como desvelação. Bastava tirar os véus que a encobria, e atingíamos a verdade. Já sabíamos a verdade sobre a verdade.

Na verdade, ninguém aguentava a chatice e o vazio dos existencialistas. Com o mundo pegando fogo, Viet-nam, Paris em chamas...

AI-5 no Brasil!

Aletosfera seria, então, o ar de verdade que respiramos. Justamente as verdades científicas, a esfera das verdades que já circundavam o Mundo. Depois se falou de globalização, mas o processo de dominação da ciência já nos havia capturado havia tempos...

E as verdades da ciência circulam, dominam, se impõem nas ondas do rádio. Nem precisou internet para se saber disso.

Aletosfera foi, pois, o nome que Lacan inventou para isso que dá a idéia da difusão universal do que pensa o Homem.

“O sentir forte da gente, o que produz os ventos.” Você sabe quem escreveu isso.

Foi disso que a ciência se apoderou.

E, como passe de mágica, em 1967 o João publica o Tutaméia, cujo primeiro dos quatro prefácios intitulou...

“Aletria e Hermenêutica”!

Que parece jogar, *giocare*, *make a joke*, com a mesma *aletheia*.

Ué, Guimarães Rosa leu Lacan?

Mas, pera aí, a “Aletria” é de 1967, a “Aletosfera” de 1969!

Então, Lacan leu Guimarães Rosa?

Não. Na verdade, estavam falando da mesma coisa. De algo que se captava nas ondas do rádio do sentimento humano, cada vez mais massacrado pela objetividade científica.

É disso que se trata:

“Tenho de segredar que - embora por formação ou índole oponha escrúpulo crítico a fenômenos paranormais e em princípio rechace a experimentação metapsíquica - minha vida sempre e cedo se teceu de sutil gênero de fatos. Sonhos premonitórios, telepatia, intuições, séries encadeadas fortuitas, toda a sorte de avisos e pressentimentos. Dadas vezes, a chance de topar, sem busca, pessoas, coisas e informações urgentemente necessárias” (Tutaméia - 4º prefácio: “Sobre a escova e a dúvida”)

Como de outra forma explicar que:

Faz uma semana, numa situação completamente outra, lembrei daquele trecho, reli, escrevi. E me detive, encantado, com aquela frase no final:

“Pelejar por exato, dá êrro contra a gente”.

E o que está nas reticências que você colocou entre parênteses, para não assustar muito os colegas:

“Viver é muito perigoso...”

Grande texto!

Um forte abraço,
Sérgio.

